

Atividade de História - Revolta da Vacina e as práticas médicas da época

Observe os anúncios abaixo, extraídos de jornais do século XIX:



O Riograndense, Porto Alegre, 23 de abril de 1850 (esq) e Jornal Gazeta de Uberaba, out/nov, ano 1881 (dir).

a) As “bichas” e a medicina

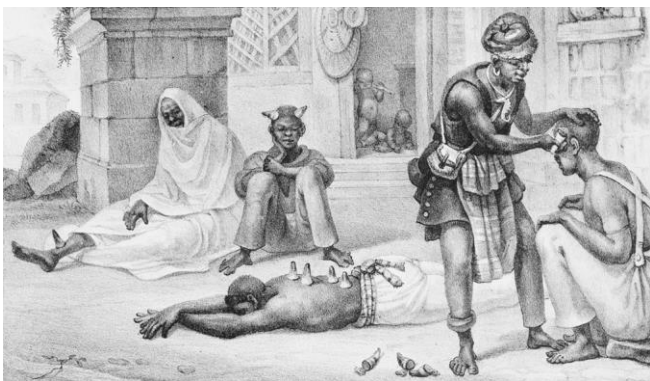
Elas são úmidas, gosmentas e ao longo da história foram temidas, odiadas e amadas pela humanidade. Mas não importa o quanto avancemos tecnologicamente, ainda não surgiu nada para substituir o seu uso.

Sanguessugas são animais hermafroditas com 32 cérebros, nove pares de testículos e uma mandíbula com três filas de cem dentes cada uma. E sempre foram e são essenciais para a medicina.

"No século 19 a popularidade desses animais alcançou o ponto máxio", conta Christopher Frayling, professor de História Cultural no Royal College of Art de Londres.

"Entre 1825 e 1850 as sanguessugas eram usadas para praticamente tudo. Você podia até ir a uma farmácia e alugar uma sanguessuga – algo que hoje em dia nos parece uma ideia completamente nojenta", afirma.

Nesta época as pessoas iam a farmácias, pagavam uma boa quantidade de dinheiro e levavam um desses animais para uso no conforto do lar. No Brasil as sanguessugas eram normalmente comercializadas por barbeiros de lanceta, os quais frequentemente faziam as aplicações e realizavam as sangrias. Com o desenvolvimento da medicina, durante o século XX, e a profissionalização dos médicos, os barbeiros de lanceta foram sumindo, assim como a utilização de sanguessugas em tratamentos de saúde.



Quadro de Jean Debret: "Barbeiro negro aplicando Ventosas"

Entretanto a “moderna medicina” gerava desconfiança entre os que preferiam o tratamento pelos curandeiros, místicos, barbeiros e até mesmo pelo tabaco, tido como remédio para alguns males. Tal

desconfiança contribuiu inclusive para o início de uma grande Revolta no Rio de Janeiro, em 1905, a chamada **Revolta da Vacina**. Mas antes, veremos como era o Rio de Janeiro deste período e os acontecimentos de tais revoltas.

Adaptado de: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37084888>

b) O Rio de Janeiro do Século XIX e sua má fama

Hoje o Rio de Janeiro é famoso pelo belo nome de “Cidade Maravilhosa”, mas seu passado esconde apelidos muito menos bonitos. “Porto sujo” e “Cidade da Morte” eram os nomes que os estrangeiros usavam para se referir à capital fluminense. Muitos navios inclusive evitavam o Rio por medo. Em um episódio dramático, em 1895, 333 marinheiros do navio italiano Lombardia, que tinha 340 tripulantes, contraíram febre amarela, e 234 morreram. Com uma população de mais de 800 mil habitantes, a cidade era constantemente vitimada por surtos de febre amarela, varíola, peste bubônica, malária, tifo e tuberculose.

Na tentativa de pôr fim a esse triste quadro, o presidente Rodrigues Alves convocou o médico sanitarista Oswaldo Cruz, que, de imediato, pôs em marcha um ambicioso plano de saneamento e higienização da cidade, o que levou a grande revolta em 1905. Veremos agora quais eram estas medidas.

c) Oswaldo Cruz e as Reformas Sanitárias

Em suas primeiras medidas, a prefeitura promoveu uma declarada guerra aos ratos na cidade. E chegou a comprar os animais mortos



“Caça aos Ratos”, caricatura de J. Carlos, década de 1900.

de quem se dispusesse a caçá-los. Aproveitadores e oportunistas não demoraram a entrar em ação: muitos chegaram a fabricar ratos de papelão e cera para vender. Há relatos também de que moradores partiam de outras cidades para vender ratos no Rio. Além deles, havia os habituais esquadrões municipais, sempre violentos, que invadiam cortiços, sobrados e casas de cômodos com a finalidade de exterminar aquela praga urbana. Entretanto, a simples iniciativa tirou de circulação mais de 1,6 milhão desses animais entre 1903 a 1907, diminuindo os casos de peste bubônica.

Para o combate da febre amarela, organizou-se uma grande equipe de “mata-mosquitos”, incumbida de perseguir os insetos nos lugares mais escondidos do Rio de Janeiro. Os funcionários tinham o poder de invadir as casas e quebrar a inviolabilidade dos lares cariocas, irritando a população.

d) A revolta da Vacina

No entanto, a medida sanitária mais polêmica foi tornar obrigatória a vacinação contra varíola, o que descontentou grande parte da população. A vacinação era garantida pela força: a apresentação dos comprovantes de vacinação passaria a ser condição para matrículas em escolas, admissões em empresas e oficinas, casamentos e outras tantas atividades, de maneira que a vida daquele que se recusasse a ser vacinado ficaria impossível.



Ademais, o governo se esforçava ao máximo para realizar a vacinação: os agentes de saúde invadiam as residências com a polícia e aplicavam à força a vacina na população. Muitos resistiam a ter suas roupas arrancadas para aplicação da seringa, afinal, não era comum ter de ficar seminu com um estranho. Mas o principal motivo da resistência era o desconhecimento e a desinformação sobre ela.

Na época, muitas pessoas preferiam formas alternativas de cura existentes além da medicina e da vacinação. Somado a isso, o governo nunca fez uma efetiva explicação ou população do que era uma vacina, abrindo espaço para muitos boatos a respeito desta prática. Somado à falta de informação, a violência e o autoritarismo dos métodos do governo causaram diversos protestos no Rio de Janeiro, iniciando a “Revolta da Vacina”.

Os confrontos em pouco tempo se generalizaram, opondo a população e as forças policiais. A cavalaria policial tentava a todo custo conter a insatisfação dos revoltados, enquanto a massa popular não parava de crescer. Em poucos dias, os conflitos atingiam diversos bairros pela cidade. Barricadas eram erguidas na tentativa de conter as investidas da polícia. Muitas ruas tiveram seus calçamentos transformados em munição pelos populares que, escondidos por detrás dos bondes, atingiam como podiam as forças policiais.



Bonde virado na Praça da República, no Rio de Janeiro, durante a Revolta da Vacina (Wikimedia Commons)

Conclusão - a Revolta da Vacina

Essa revolta, mais do que uma rejeição ao novo e à vacina em si, simbolizava a resistência da população contra o autoritarismo do governo e sua falta de diálogo. Também era uma revolta contra a invasão truculenta de suas casas, situação tornada mais dramática porque as pessoas acreditavam em supostas outras opções de cura disponíveis na época, como as sanguessugas. Em uma época que poucos participavam da política o acesso à informação era limitado, a população resistia àquilo que lhe fosse estranho ou imposto, mesmo que supostamente pelo “bem da nação”.

Adaptado de: BIAS, M. *Passado a limpo*. Texto publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional. www.revistadehistoria.com.br.

ATIVIDADES

1. Vamos analisar um documento histórico! Para tal, observe a charge abaixo, publicada na revista o Malho, em 29 de outubro de 1904. Sobre ela, responda o que se pede.



a) O que está acontecendo na imagem?

b) Como os cavalos da polícia foram representados? Por que os cavalos foram desenhados assim?

c) A charge faz parte de uma revista de humor. Como o humor está sendo usado aqui para criticar a situação? Que aspectos da vacinação e da política do início do século XX estão sendo ironizados?

2. A Medicina sempre foi vista como a única forma de “curar” alguém? Explique.

3. Como o Rio de Janeiro era visto no final do século XIX e início do século XX?

4. Quais foram as medidas adotadas por Oswaldo Cruz? Elas funcionaram?

5. Explique os principais motivos que levaram a população a se rebelar contra a vacinação obrigatória.

6. Em sua opinião, é correto afirmar que a Revolta da Vacina foi uma “revolta contra o progresso”? Explique.

